



CORPO APP¹ NA ESCOLA: INADAPTABILIDADE DA PEDAGOGIA ANALÓGICA NO MUNDO DO SUJEITO ONLINE.

Thiago Alixandre da Cunha

Resumo

A noção de corpo mudou, a percepção está alterada pela velocidade do consumo de informações frente às telas e os hábitos cognitivos dos sujeitos estão comprometidos com as práticas no mundo online. Agora a intolerância, a ubiquidade, simultaneidade fazem parte da composição do sujeito pós moderno. A escola é um ambiente que enfrenta no seu cotidiano as mudanças geracionais, no entanto suas metodologias não se transformam na mesma velocidade que os hábitos perceptivos têm se transformado. A negação geracional entre professores e alunos e a falta de habilidade filosófica nas instituições para lidar com fenômenos da educação neste contexto são o objeto desta pesquisa / artigo. Tratar de modo filosófico a questão da inadaptabilidade da educação formal ao mundo digital e trazer para esta conversa autores que iluminem a problemática - de modo a delinear com mais clareza hipóteses que possam dar apoio ao enfrentamento destas questões - são o objetivo desta pesquisa / artigo. Entre tantos, dois autores foram eleitos para nos dar apoio epistemológico – Dany-Robert Dufour e Helena Katz. Os autores tangenciam por abordagens distintas o mesmo fenômeno, como veremos.

Palavras-chave: hábitos cognitivos, corpomídia, mundo online, escola, corpo app, filosofia da educação.

Introdução:

¹ Conceito desenvolvido pela pesquisadora Helena Katz no qual investiga as implicações do uso dos aplicativos nos nossos corpos, lembrando que quando o corpo usa algo, este algo também usa o corpo, transformando profundamente sua cognição e subjetividade. No caso dos aplicativos, os corpos estariam sendo treinados para operar socialmente com as mesmas lógicas das redes sociais e softwares. KATZ, Helena, p.239, 2015 em Arte e Cognição – corpomídia, comunicação e política. Ed. Annablume.



Se a modernidade foi demarcada pela revolução industrial, alguns autores nos mostram que a pós- modernidade tem sido marcada pela revolução digital.

Se as revoluções históricas transformam radicalmente seus ambientes e estes ambientes produzem os sujeitos que seguem em curso no mundo como nos explica a psicanálise (FREUD; 2011), cabe analisar qual sujeito está em curso na pós modernidade e como anda o ambiente educacional face a essas mudanças.

Como a escola é um ambiente no qual se faz possível acompanhar os traços de transformação geracional, o presente artigo propõe estudar os problemas que a escola tem enfrentado com os novos sujeitos, os novos comportamentos, hábitos cognitivos e primordialmente investigar a relação de acolhimento e/ou negação geracional entre professores e alunos, instituições de ensino e os novos comportamentos sociais.

A proposta aqui é a de ler filosoficamente as práticas da educação, explorando a filosofia da educação, na e para, a própria educação.

É senso comum a noção de que a educação está vivendo uma crise de ordem basicamente geracional. Muitos professores, diretores e até alunos, em suas instituições, reconhecem e reclamam da falta de sintonia entre as metodologias pedagógicas tradicionais com os novos hábitos e comportamentos contemporâneos. As pistas para compreendermos melhor este problema talvez estejam no sentido de perceber que há uma espécie de “negação geracional” no sentido que o autor francês Dany-Robert Dufour apresenta em seu livro *L’Art de réduire les têtes – Sur la nouvelle servitude de l’Homme libéré à l’ère du capitalisme total* (Ed. Denoel, 2003).

Nesta obra Dufour analisa as influência e implicações que a televisão teve nas gerações da década de 90 e desenvolve um capítulo dedicado ao corpo na escola, nos sugerindo que entre a relação professor/aluno há uma taxa de complexidade maior que apenas a mudança geracional para ser notada – há nela uma negação.

Outros autores avançaram, com abordagens distintas, na mesma direção. A Dra. Profa. de Comunicação e semiótica da PUC-SP Helena Katz, desenvolve desde



2013 o conceito de Corpo App, no qual trabalha com a hipótese de que o treinamento diário dos corpos em frente as telas nas últimas duas décadas já definem traços de um novo sujeito e que os hábitos cognitivos transformaram a percepção deste sujeito. Apoiado em hipóteses como a de Katz e Dufour é que esta dissertação pretende se desenvolver.

A metodologia desta pesquisa é qualitativa e de caráter bibliográfico, por isso outros autores como Paulo Freire, Stván Mészáros, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Immanuel Kant, Pierre Dardot, Christian Larval, Evgeni Morozov, Christian Dunker, entre outros, farão parte das referências bibliográficas deste trabalho e eventualmente serão citados direta ou indiretamente para dar apoio ao desenvolvimento das hipóteses desta dissertação. A ambição nesta empreitada intelectual é o de organizar um conjunto de autores numa composição autoral, na qual com eles, possamos ter uma coleção de ideias articuladas de modo a elucidar com mais clareza o problema filosófico da educação na contemporaneidade – seus insucessos metodológicos e sua crise de negação geracional.

- **Corpo, ambiente e subjetivação.**

Há distintas teorias que abordam o corpo. As abordagens fenomenológicas² por exemplo, talvez sejam as mais amplamente difundidas no campo da filosofia, no entanto esta dissertação caminhará com famílias epistemológicas de abordagens psicanalíticas e cognitivas sobre o corpo. Esta escolha vai de acordo com a *Teoria Corpomídia*³, desenvolvida pelas pesquisadoras Christine Greiner e Helena Katz, cuja proposição teórica é apoiada na hipótese de que o corpo é uma coleção temporária de informações constituída da troca entre o corpo e o ambiente, de modo que esta troca é parte configuradora dos hábitos cognitivos e perceptivos do corpo, assim como responsáveis pela construção de sua subjetividade.

² Abordagens fenomenológicas escrito no plural por considerar as fenomenologias de Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty.

³ *A Natureza Cultural do Corpo* em Lições de Dança 3, 2001, ed. UniverCidade.



O corpo, sua percepção e cognição seria então o resultado das coleções de informações que os acidentes circunstanciais da vida do sujeito produziu e sua subjetividade seria “refém” de suas experiências. A *Teoria Corpomídia* se filia e sintoniza-se por exemplo com a semiótica peirceana e a psicanálise freudiana no que tange a compreensão das experiências da vida ser um processo subjetivador do sujeito (psíquico ou cognitivo). Ou seja, os desejos e os gostos de uma pessoa por exemplo estão nesta perspectiva comprometidos com a história, cultura e educação deste sujeito como esclarece Katz ao dizer:

O meu gosto é viciado, é cultural, é condicionado, injusto e pobre. Principalmente isso. Se eu reconheço as coisas somente a partir do meu gosto, só vou conseguir reconhecer as mesmas coisas sempre. Se eu abro os poros e tiro o gosto como filtro eu vou conseguir ver tudo como informação, sem classificá-la como boa ou ruim. Se eu consigo isso, tenho mais informações e com isso eu amplio o meu gosto e saio do senso comum. (KATZ, 1989)

As teorias cognitivas e a neurociência também estão em consonância com este entendimento de corpo, autores como Alain Berthoz⁴ e Antônio Damásio⁵ escapam das lógicas dualistas e confirmam as teses de que o corpo é uma rede de percepções configuradas por suas práticas. É neste sentido que vale evocar a noção de sujeito e de processos subjetivadores ao longo da história. Quem nos ajudará aqui a circunscrever um arco histórico da subjetividade em seu tempo é o pesquisador francês Dany-Robert Dufour que nos lembra em seu livro *A arte de Reduzir as Cabeças* (tradução minha) que o empirismo da metafísica de Hume, assim como os avanços da física em Galileu e Newton haviam inspirado Kant⁶ a desenvolver sua própria lógica filosófica, ao longo de suas três críticas, na qual apresentou sua revolução copernicana, em que aparece seu famoso conceito do *despertar do sono dogmático*, anunciando um sujeito crítico em curso em meados dos anos 1800.

⁴ Leçons sur le corps, le cerveau et l'esprit: les racines des sciences de la cognition au Collège de France, 1999, Ed. Jacob.

⁵ O Erro de Descartes, 1995, Ed. Cia. das Letras.

⁶ Crítica da Razão Pura, 1783, Crítica da Razão Prática, 1788, e Crítica da Faculdade de Julgar, 1790.



No século seguinte é o esforço psicanalítico de Freud⁷ que descreverá o sujeito moderno. Tendo em vista a revolução industrial a partir de 1920, Freud pôde descrever o sujeito neurótico – aquele que precisava atender com o seu corpo a produtividade das linhas de montagem nas fábricas. E como, segundo esta perspectiva, o corpo produz uma espécie de acordo de síntese com os ambientes no qual está inserido, poderíamos considerar então, no arco da revolução industrial (1920 a 1970), o taylorismo, fordismo e toyotismo como processos de subjetivação de massas. A genialidade de Chaplin materializa bem o sujeito freudiano no seu filme *Tempos Modernos* (1936), em que demonstra o corpo em crise, tentando se curar da neurose, mas que é engolido pelas engrenagens da linha de montagem. Esta metáfora potente é precisa ao indicar que é no corpo que se dá as consequências de uma revolução. Mais tarde (em 1961) será esta mesma noção subjetiva de que o corpo é apenas um dente da engrenagem, que Hannah Arendt reconhecerá no discurso de Eichmann, em seu julgamento em Israel. A autora chama a atenção para este entendimento, o de um sujeito se sentir apenas parte de um processo que já se tornou natural ao corpo – no caso até mesmo as atrocidades do nazismo entrariam neste registro. Ou seja, processos de subjetivação são configuradores de nossa consciência e inconsciência no sentido psíquico freudiano e também no sentido cognitivo de Lakoff e Johnson⁸.

Jacques Lacan avança com o legado freudiano até a década de 1980, mas não acompanharia a revolução seguinte e possivelmente mais notória da pós modernidade – o advento da internet. Dany-Robert Dufour será então um dos autores contemporâneos que seguirá com a tradição freudiana e lacaniana e quem fará uma análise crítica do sujeito em curso em nossos tempos.

Dufour se dedica a estudar o sujeito que se forma a partir das novas formas de subjetivação no consumo da informação, haja visto que a partir da década de 1970 e 1980 a tecnologia foi barateada e portanto a Tv ficou acessível a grande parte da população, sendo então a televisão um elemento novo na cultura e na

⁷ Mal Estar da Civilização (1930)

⁸ LAKOFF, G e Mark Johnson 1999, *Philosophy in the Flesh*. Basic Books.



construção do sujeito deste período. Nascia ali um sujeito expectador, que não criara mais as imagens como fizera antes ao ler jornais e livros, mas apenas as consumiria prontas pela tela da tv. Este sujeito além de estar em consonância com o avanço do capitalismo que transforma tudo em produto como nos conta a teoria marxista, agora consome informações como um produto e ainda tem a possibilidade de zapear entre as variedades de ofertas. O sujeito tinha virado um expectador consumidor e as notícias um espetáculo⁹.

Mais adiante com os controles remotos, o sujeito expectador se ilude com a falsa sensação de estar no controle e o botão *zapping* será o dispositivo explorado por Dufour para nos explicar como a televisão se transforma num dispositivo subjetivador de um sujeito, cujo o traço psíquico é tão radicalmente alterado que o transformaria num Homo Zappiens.

- **O Homo Zappiens, o sujeito esquizoide e a crise do corpo na escola.**

Que forma de sujeito está surgindo hoje? (Dufour, 1992, p. 38, grifo meu) é com esta pergunta que Dufour nos provoca em seu livro a refletir sobre os processos de subjetivação do corpo na pós modernidade. Note que a pergunta não é apenas a pergunta feita por Kant, Freud ou Lacan (em suas respectivas épocas), que seria a seguinte: Qual é o sujeito de hoje?. Dufour constrói uma outra pergunta quando se detém a pensar que não é só o sujeito que tem se transformado, mas sobretudo a forma deste sujeito se transformar.

Ao reconhecer a televisão como um dos dados antropológicos mais expressivo a ser considerado na década de 1990, o autor nos lembra que uma certa geração foi inaugurada desde a mais tenra idade com um novo hábito que demarcou a história. Esta nova “baba” bidimensional foi a companheira educadora de massas em todo o mundo transformando o modo destes sujeitos lidar com a informação.

⁹ Em *A Sociedade do Espetáculo*, um livro do marxista Guy Debord, publicado em 1967, o conceito de espetacularização da informação é tratado pelo autor de forma crítica e teórica, analisando consumo, sociedade e capitalismo. O autor foi um dos fundadores da Internacional Situacionista.



Com o avanço do capitalismo, a televisão além do seu barateamento, foi sofisticada tecnicamente e então os controles remotos também chegaram (em 1950) as salas das casas de quase todo o mundo. Se o sujeito já era capaz de zapear de canal em canal, agora eram capazes de zapear remotamente. Para Dufour a função *zapping* não foi um simples adereço técnico, mas um fator elementar no processo de subjetivação do sujeito que descreve.

Ao poder zapear, o espectador não estava mais condicionado a uma única realidade, mas tinha a opção de “flanar” por assuntos, programas, formas e ideias distintas quase simultaneamente. Assistir ao telejornal e em seus intervalos comerciais consultar o andamento da novela noutra canal, teria sido um treino subjetivo e cognitivo que nos adestrou à desejar a ubiquidade das telas. E como se sabe a tecnologia não cai do céu, mas como tudo no capitalismo, ela se desenvolve a partir de demandas e desejos dos seus consumidores. Neste contexto é que faz sentido se perguntar qual a forma do sujeito e não exatamente que sujeito tem surgido na atual fase do capitalismo neoliberal.

Se o corpo do sujeito moderno subjetivou-se através da neurose por não poder lidar com a velocidade de uma esteira única na linha de montagem das fábricas, o que dizer do sujeito que lida com a impossibilidade de acompanhar a “esteira” da linha do tempo nos feeds de notícias nas redes sociais? O homo sapiens teria agora o estatuto de homo zappiens e sua forma de subjetividade não caberia mais apenas no seu corpo físico que age no tempo presente, no ao vivo, mas agora em duas dimensões, a do mundo On e Off-line.

- **O sujeito On/off - Do sujeito neurótico ao sujeito esquizoide:**

Se a televisão que nos parece hoje tão precária tecnologicamente foi capaz de tamanha transformação nos sujeitos do século XX, como reconhecer a dimensão e profundidade das transformações do sujeito subjetivado pela internet?



Ao analisar apenas a televisão, Dufour já sugeriu que o sujeito neurótico tinha agora um novo traço, o sujeito de nossos tempos seria, sobretudo, o sujeito esquizoide.

Ao colocar a internet nesta discussão outros autores¹⁰ nos ajudam a reconhecer que são inéditas as formas de subjetivação. Os sujeitos em curso estariam agora no plural e seus comportamentos já não fariam mais parte de somente duas dimensões, um mundo on e outro off-line, mas já teríamos um sujeito on/off sendo cultivado.

A hipótese de autores como a Prof.^a Dra. Helena Katz que desenvolve o conceito de Corpo App, é que o sujeito tem se subjetivado nas suas praticas cotidianas com os dispositivos e sobretudo com o uso dos aplicativos.

Para Dufour, o sujeito é esquizoide porque importa por hábito traços da esquizoidia. Isolamento, falta de empatia com o mundo “real”, falta de alteridade e solidão seriam um dos traços que demarcam o sujeito pós moderno. Para Katz, não é só o sujeito psíquico que se configura esquizoide, mas os hábitos cognitivos, ou seja, a percepção do corpo na contemporaneidade seria esquizoide e esta seria a nova condição de existência, uma vez que o capitalismo neoliberal¹¹ produz além do homo economicus¹² o homo zappiens.

Não são apenas mais duas ou três programações que o corpo gostaria de assistir/editar/interagir simultaneamente, são muitos dispositivos, cada qual com diversos aplicativos e cada qual com lógicas que convocam comportamentos distintos. Ao mesmo tempo em que um sujeito faz seu trabalho da faculdade digitando-o no app *Word* em seu computador, outras abas estão abertas com suas

¹⁰ ARROW, Tom. “On Aesthetic Plasticity”, CRANNY-FRANCIS, Anne, Technology and Touch. “Smart Textiles: Giving New Sense to the Notion That Clotting Makes the (Hu)man”, MANOVICH, Lev. Software Takes Comand: extending the language of new media, CARR, Nicholas. The Shallows. What the internet is doing to our brains, ROSE, Nikolas. A Política da Própria Vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XX, entre outros.

¹¹ Para compreender o neoliberalismo como racionalidade e lógica de subjetivação ver LAVAL, Christian, Dardot Pierre, *A nova Razão do Mundo* – ensaio sobre a sociedade neoliberal, 2015, ed. Boitempo.

¹² *Conceito ligado ao homo politicus de Aristoteles explorado por alguns autores como Wendy Brown em seu livro Undoing the Demos - Neoliberalism's Stealth Revolution (jan, 2015, ed. Zone Books Near Future)*



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter e etc*), páginas e mais páginas estão abertas simultaneamente nas quais este mesmo sujeito faz download de um filme, carrega um vídeo para ver em seguida no *Youtube*, chegam e-mails no seu *Outlook*, amigos chamam no inbox para uma conversa particular, seu smartphone pede atualizações que serão feitas logo após ser possível responder todas as mensagens do *Whats app*. Enquanto isso o canal predileto de tv está sintonizado e a família o espera na mesa para jantar.

São a estas convocações e sobreposições de tarefas e realidades simultâneas a qual o sujeito esquizoide precisa responder.

Posto isso, e situado o aparecimento de um novo sujeito, de uma nova forma deste sujeito se cultivar, é que agora podemos adentrar com eles aos muros da escola.

- **O corpo On na escola Off:**

A Teoria Corpomídia nos ajuda a entender que se o corpo é uma coleção de informações configurada por suas experiências, hábitos e práticas, este corpo está então comprometido com seus hábitos e com as contaminações involuntárias que suas práticas produziram. Sendo assim, o corpo do sujeito que pratica as redes sociais, a velocidade das telas, as práticas da internet e etc, não é outro corpo se não o mesmo corpo que age no mundo, caminha, faz arte, política e vai à escola.

A escola encontra cotidianamente com os sujeitos esquizoides, mas será que tem os reconhecido como tal? Negá-los não parece ser uma forma de reconhecimento.

Dufour explica que há na escola uma negação geracional em termos metodológicos, pois os *novos sujeitos* não seriam apenas os jovens alunos, afinal todos os professores estão nas redes sociais e usam smartphones, ou seja, também são subjetivados pelo mundo online. A questão não é que uma geração nega a outra, pois elas coexistem e se misturam. Existem inclusive pessoas idosas que são mais fascinadas por redes sociais que jovens, por isso não se trata da idade. O fato é que



em termos metodológicos a escola nega a transformação do corpo e os seus hábitos, e ainda, insiste em métodos analógicos para lidar com percepções há muito já softwarizadas. O corpo não usa apenas o aplicativo, ele se transforma em um.

A lousa na sala de aula se transformou numa espécie de tela sem interação e as folhas dos cadernos em abas sem hiperlink.

Há muitas iniciativas de “tecnologização” da escola, como uma tentativa de sofisticar os aparatos técnicos da sala de aula para “informatizar a educação”. Mas é notório o insucesso destas tentativas, pois a partir dos autores aqui citados fica claro que não se trata de equipar a arquitetura da escola, mas se trata de mudar a lógica de operar com os métodos pedagógicos e sobretudo com o entendimento de sujeito. Por isso parece ser a filosofia e sua natureza indisciplinar uma disciplina central para que se possa avançar com esta questão.

Até mesmo áreas como a medicina foram convidadas a resolver o problema da negação geracional. Sabe-se de inúmeros casos de diagnósticos psicotizantes que se arriscam a nomear o sintoma da negação geracional. As síndromes todas inventadas por uma certa linhagem da psicologia acaba por alimentar a indústria farmacêutica, e além de simplificar e polarizar a questão do corpo na escola, o coloca no registro de doença.

Os “alunos TDHA” (transtornos de déficit de hiperatividade e atenção) seriam a resposta em meados dos anos 2000 (e até agora em algumas instituições) para esta questão, e a solução para este problema seria, parafraseando Dufour, uma “camisa de força química” – a *Ritalina*. Uma solução química, que resolveria magicamente, um problema de ordem histórica, política, econômica, antropológica, sociológica, cultural e neoliberal. Mas como Mario Bunge nos ensinou em sua filosofia da ciência¹³, o “mito da simplicidade” nos atrapalha a construir ferramentas teóricas que possam lidar com a complexidade da vida.

Vale aqui lembrar a frase que Lacan disse em 12 de maio de 1972 numa conferência em Milão na Itália: “O capitalismo se consoma tão bem, que se consome”. Esta frase não é um mito de simplicidade, mas talvez tenha gerado uma

¹³ BUNGE, Mario, *Teoria da Realidade*, 1974, ed. Perpectiva.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

falsa esperança. Dufour lê criticamente esta afirmação fazendo a seguinte pergunta: “Embaixo desta aparência de progresso, não resistiria uma discreta antropofagia?” (DUFOUR, 2003, p.16). A pergunta responde e ao mesmo tempo sugere uma leitura crítica para a afirmação de Lacan, mostrando que o capitalismo é antropofágico e se retroalimenta. Então talvez Lacan tenha de fato errado e o capitalismo não se consumiria por se consumir tão bem, mas se consumiria justamente por se consumir e nutrir-se de si mesmo no sentido antropofágico oswaldiano.

Aparentemente foi o próprio capitalismo que gerou o sujeito neurótico, o esquizoide, o homo zappiens e que continua a produzir subjetividades psicopatológicas que se desajustam do convívio social. O mesmo capitalismo que produz os desajustes é o próprio que inventa os pseudos “ajustes” nos sujeitos, que através das indústrias farmacêuticas, lucra com a fabricação de doenças nunca antes imaginadas.

Na escola o corpo não está blindado desta lógica. O corpo se sente inadequado ao ambiente escolar, possivelmente porque tudo ao entorno se transformou, mas a metodologia pedagógica não tem acompanhado o mesmo ritmo de atualização. Professores e alunos se digladiam psíquica e cognitivamente produzindo um mal estar social no ambiente de ensino e finalmente as consequências comprometem a educação. Aquele que deveria ser o pilar estruturante da sociedade está ameaçado por uma inadaptabilidade ao funcionamento do capitalismo. No capital ser veloz se tornou um valor, enquanto a natureza morosa do processo educacional agora paga por seu preço.

Em *A Educação para Além do Capital* o filósofo húngaro de linhagem marxista István Mészáros, nos alerta para o caminho pelo qual o mundo neoliberal tem levado a educação. Tratada como mais um negócio, a educação precisaria agora dar conta de resultados quantitativos. Sua produtividade estaria sendo medida pelos sucessos numéricos e não mais por métricas qualitativas.

A privatização de escolas e universidades, o financiamento de pesquisas acadêmicas por empresas dentro de universidades públicas e o corte de bolsas governamentais para as pesquisas na área de humanas em diversos países, são



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

sintomáticos do neoliberalismo. A saúde, a cultura e a educação que seria defendida pelo estado, já entra no hall de “negócios empresariais”, portanto se a pesquisa acadêmica na universidade pública pode ser financiada pelo interesse privado, e se, o capitalismo exige velocidade e produtividade, é provável que os engenheiros de computação tenham mais investimento que os filósofos e sociólogos, afinal os objetos de estudo das áreas de humanas requerem tempos bem mais dilatados, pois os fenômenos vivos são mais complexos que as máquinas (por enquanto).

Se o capitalismo no seu atual estágio neoliberal não permite que nada escape, e se, nem mesmo a educação estaria para além no capital no sentido de Mézáros, como resistir pela sustentabilidade ética do ensino da filosofia na educação? E como manter viva a filosofia da educação?

Considerações Finais

A negação geracional que há na escola, não parece ser de natureza etária, mas psíquica e cognitiva, por isso a filosofia é necessária para colaborar com o desenvolvimento desta problemática. Parece que, somente a luz de um pensamento crítico e filosófico, que as nuances, ambiguidades e especificidades de um problema podem se tocados.

O papel da filosofia na educação e da filosofia da educação é fundamental para análises desta envergadura.

A hipótese é que o desenvolvimento de práticas e habilidades filosóficas na escola poderiam transformar a percepção das instituições educacionais, promovendo entre alunos e professores a percepção desta negação de hábitos cognitivos, que se situam a partir das gerações subjetivas do corpo no capitalismo e não exatamente a partir das gerações etárias dos sujeitos.

Enquanto o neoliberalismo avança privatizando, monetizando e precificando as relações - que outrora foram reguladas por valores humanos - o estado republicano diminui e suas instituições se fragilizam diante das iniciativas privadas,



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

com isso a educação se fragiliza porque não está imune a esta operação, embora mereceria estar.

Quando o valor social se torna capital social de empresas, quando o valor da inteligência se torna o capital intelectual de corporações e quando a educação se transforma em índice de produtividade econômica, há portanto uma questão filosófica fundamental a ser enunciada: Que sujeito esta nova forma de educação se encarregará de colocar no mundo? Seria o *Homo Economicus* o sujeito neoliberal que agora educa e é educado? Ou haveria ainda, espaço para, na escola a filosofia florescer?

Vale lembrar que no Brasil de 2017, o que era medida provisória na reforma da educação, se tornou política fixa aprovada pelo senado, na qual a filosofia se tornou disciplina facultativa no ensino formal da escola pública.

Se justamente o pensamento filosófico seria aquele capaz de emancipar o sujeito através de uma análise crítica de seu ambiente subjetivador, cabe então a pergunta: Como será possível para as novas gerações, pelo menos, reconhecer do que se constitui sua atual realidade se muitos não terão a chance de conhecer a prática filosófica?

Quando não se sabe do que é preciso escapar não há do que escapar. Neste sentido fica claro entender como uma aula de filosofia na escola pode ser mesmo uma ameaça ao capitalismo, afinal muitos professores em sua primeira aula no ensino médio usam o didático *Mito da Caverna* de Platão para abordar a alienação daqueles que só conhecem uma perspectiva do seu mundo. E neste contexto, perceber que fora da caverna há uma luz, poderia ser o precedente para que o “*alvorço dos inquietos*” (FREIRE, 1996, p.104) desmanchassem a pseudo harmonia neoliberal e se engajassem na emancipação intelectual produzindo uma escola na qual coubesse o sonho freiriano de uma Pedagogia da Autonomia.

As subjetividades capitais, o mundo em frente as telas, o neoliberalismo e a escola, quem sabe, possam através da filosofia encontrar um arranjo sustentável para a adaptação da espécie neste mundo, ou reconhecer pelo menos, que temos a chance de sermos extintos pelas nossas próprias invenções. Neste ultimo caso,



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

teríamos sido apenas um experimento evolutivo mais econômico do que filosófico que não foi capaz de conquistar sua autonomia e permanência.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo.

ARENDDT, Hannah, 1999, *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Ed. Companhia das Letras.

BERTHOZ, Alain, 1999, *Leçons sur le corps, le cerveau et l'esprit: les racines des sciences de la cognition au Collège de France*. Ed. Jacob

BUNGE, Mario, *Teoria da Realidade*, 1974, Ed. Perspectiva.

CARR, Nicholas. *The Shallows. What the Internet Is Doing to Our Brains*. Ed. W.W., 2010, Norton and Company.

CRANNY-FRANCIS, Ann. *Technology and Touch: The Biopolitics of Emerging Technologies*. Ed. Palgrave Macmillan UK, 2013.

DAMASIO, Antonio. *O Erro de Descartes*. Companhia das Letras, 2005.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ed. Contraponto, 1997.

DUFOUR, Dany-Robert. *L'Art de réduire les têtes – Sur la nouvelle servitude de l'Homme libéré à l'ère du capitalisme total*. Ed. Denoel, 2003.

DUNKER, Christian. *Mal Estar Sofrimento e Sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Ed. Boitempo Editorial, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Ed. Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. *O Mal Estar na Civilização*. Ed. Companhia das Letras, 2011.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

GREINER, Christine. *O Corpo – Pistas para Estudos Indisciplinares*. Ed. Annablume, 2005.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Ed. Editora Vozes, 2015.

KATZ, Helena. *Arte e Cognição – corpomídia, comunicação e política*. Ed. Annablume, 2015.

LACAN, Jacques. *Television: A Challenge to the Psychoanalytic Establishment*.
LAKOFF G e Mark Johnson. *Philosophy in the Flesh*. Ed. Basic Books. Ed. Joan Copjec, 1999.

MANOVICH, Lev. *Software Takes Command: Extending the Language of New Media*. Ed. Bloomsbury Academic: NY, 2013.

MÉSZÁROS, Stván. *A Educação para Além do Capital*. Ed. Boitempo Editorial, 2005.

MOROZOV, Evgeni. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. Ed. PublicAffairs, 2011.

PEIRCE, Charles. 1992. *Reasoning and the Logic of Things – Charles Sanders Pierce and Lady Welby*. Ed. Hardwick, C.S. Bloomington: Indiana University Press.

PIERRE, Dardot; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo*. Ed. Boitempo Editorial, 2016.

Platão. *A República*. Ed. Edipro, 2001.

ROSE, Nikolas. *A Política da Própria Vida: biomedicina, poder e subjetividade século XX*. Ed. Paulus, 2013.

SPARROW, Tom. *The End of Phenomenology: metaphysics and the new realism*. Ed. Edinburgh University Press, 2014.

Wendy Brown. *Undoing the Demos - Neoliberalism's Stealth Revolution*. Ed. Zone Books Near Future, 2015.